

LÍRICA DE CATULO E A DIALÉTICA DO AMOR

Ismael Angelo Cintra
Aguinaldo José Gonçalves
i

I . Introdu ção

O exercício de leitura e análise de um poema lírico de Catulo (1), a estas alturas do século XX, pode significar muito. Significa, por exemplo, recolocar em jogo o conceito de modernidade da lírica contemporânea; significa encarar o sentido de tradicional de uma outra forma; significa agrupar no mesmo tempo poetas de tempos vários, tendo como eixo anacrônico a eficácia plena da obra de arte e, em especial, da poesia. É a representação de sua autonomia atemporal e circular, que, ao romper com a dimensão cronológica, elege como seu vínculo único a própria natureza do Mytho.

As antinomias do mundo são as antinomias do homem. Mas o homem, — esse animal trágico, que segundo Schopenhauer não tem ainda bastante instinto para agir com segurança, nem tem ainda bastante razão para controlar as leis do instinto — as vivência em sua trajetória de existência como forças opostas que se implicam e que explicitam a sua condição dialética.

O poema de Catulo é bastante conciso. Concisão até certo ponto relativa, pois se trata de um universo constituído de imagens. Através de aspectos oponentes, que contraditoriamente caracterizam a unidade própria da condição humana, o poema exprime um clima de intensidade profunda que se manifesta já pelo caráter dos significantes, que organizados de maneira especial, são responsáveis pela concisão do discurso.

Valendo-se de procedimentos próprios da poesia moderna, o dístico de Catulo privilegia ausências e presenças, conseguindo assim, com sua natureza impressiva, atingir de maneira ímpar, o leitor.

Regido pelo signo da oposição, este traço tende a se manifestar nos vários níveis lingüísticos, seja o lexical, o morfológico e o fonológico; seja o sintático e o prosódico; todos eles ampliando as dimensões da mensagem no que diz respeito à camada semântica.

É importante notar como, numa época de respeito absoluto às con

venções poéticas, se pode encontrar na originalidade da criação de Catulo - através da concisão lexical, dos recursos fônicos e estilísticos, da utilização da linguagem em diferentes funções - as diretrizes que se bifurcam para gerar, senão para expressar, semanticamente, toda a intensidade deste sentimento paradoxal que é o amor. E para Ítalo, parece não ser necessariamente pertinente nenhuma interferência de época ou de estrutura social. O eu-lírico se despoja de qualquer noção racional de valor para preparar o seu canto de re-conhecimento, e assim procede:

"Odi et amo. Quare id faciam, fortasse requiris.

Nescio : sed fieri sentio et excrucior." (2)

É fundamental que o poema seja lido em Latim, não são respeitadas sua criação original, mas também pelo aspecto de sonoridade e natureza dos signos singularizados no contexto da mensagem. Mesmo assim, não é inútil acrescentar a tradução para o Português, feita pelo Professor Alceu Dias Lima, que utilizamos no decorrer de nossa análise:

"Odeio e amo. Por que razão faço isso, talvez perguntes.

Não sei : sinto que isso se dá e me arrebento."

(3)

II. Tese

Dos dois versos que constituem o poema, o primeiro traz uma contida antítese entre os verbos "odi" e "amo" cuja oposição no plano semântico se unifica no plano fônico, tanto pela assonância de vogais abertas e fechadas que se alternam, quanto pela aliteração de certos fonemas consonantais, os oclusivos, por exemplo. O conectivo "et" entre os dois verbos (odefamo) possibilita uma combinatória dos fonemas alínguo-dentais, que, sendo homógrafos, se assemelham, mas que se opõem quanto ao traço distintivo sonoridade/não-sonoridade. Tal traço se torna ainda mais significativo pela relação que cria entre os lemas condutores de sentido.

O que se rompe em termos de uma correspondência lógica, prende-se à seguinte ocorrência: considerando a unidade fônica /odetamo/ verifica-se que o traço de sonoridade do fonema /d/ não faz parte do le

xema condutor de positividade semântica AMO (que na cadeia fônica se transforma em /tamo/); por sua vez o traço de não-sonoridade não coincide com o lexema semanticamente negativo ODI.

Ao nível semântico, os lexemas "odi" e "amo" podem ser incluídos num mesmo paradigma, ainda que em posições polares, tendo como eixo semico a sentimentalidade. Ou seja: como sentimento negativo, o ódio se opõe ao amor, sentimento positivo. Isso certamente inclui uma interpretação valorativa do leitor. Mas é a partir desse tipo de relação que falamos em ruptura do eixo fônico para com o semântico. Vejamos num gráfico:

EIXOS:

<u>Semântico</u>		<u>Fônico</u>
"ODI" = sentimentalidade: negativo	X	sonoridade: positivo
"ETAMO" = positivo	X	negativo

A atualização desses lexemas num mesmo sintagma, equiparados sintaticamente pelo aditivo "et", corrobora a dinâmica significativa observada ao nível fônico.

Na verdade, o que ocorre neste primeiro período poético de Catilulo é a consagração antitética de dois oponentes que são podem ser compreendidos mais profundamente no contexto de imagens em que aparecem. Fazem sentido maior quando os apreendemos numa escala semântica que gradativamente conduz a mensagem até o oxímoro dialético final ("nescio: sed fieri sentio et excrucior"), sugerindo a própria força do amor com suas antinomias, mas não a força do ódio. O poema parte de um aparente equilíbrio de forças (já dissemos que "odi" e "amo" estão equiparados pelo conectivo "et") para expressar uma unificação sincrética que aponta para o paradoxal sentimento amoroso.

Deve-se notar que, de acordo com o sistema da língua latina, ambos os verbos são transitivos, e o fato de não haver atualização dos complementos verbais esperados é bastante significativo, pois gera no poema uma idéia ou sensação de concentração de sentido que focaliza o processo daquilo que se sente, e amplia a dimensão de seu valor enquanto processo. Como já dissemos, o poema circula em torno do mesmo sincretismo interior dos sentimentos e, desta forma, a ausência dos complementos só confirma o estado. Tal ausência liberta a ação referi-

da pelos verbos de um detalhe circunstancial concreto. Vale dizer: para o eu-lírico não está em questão o "tu", objeto dos sentimentos expressos. Isso nos remete a um estágio de consideração da dinamicidade interna das ações odiar/amar enquanto tais, como puro processo:

Aliados a essa ausência de complementos, há dois aspectos a considerar: o tempo verbal e a pessoa empregada. Com a utilização dos verbos na primeira pessoa do singular, vislumbra-se uma crescente intensificação do referido processo (o paradoxo amoroso) graças à preponderância da função emotiva da linguagem. Este traço poético do texto tem a sua força de verdade aumentada pelo tempo verbal empregado: o presente do indicativo cujo aspecto, entretanto, é de presente-eterno.

Quanto à função emotiva, esta imprime à força transitiva dessa mesma ação um movimento parabólico, fazendo-o voltar ao ponto de partida, a ação referida pelo verbo como puro processo. Esse mesmo círculo está dado pela contensão da unidade fonética, limitada pelo ponto final.

III. Antítese

Uma visada rápida no primeiro verso mostra que os verbos estão atualizados no indicativo presente, primeira pessoa, com exceção de "requisis". Este, introduzido pelo advérbio de dúvida "fortasse", está na segunda pessoa, o que marca o surgimento de um interlocutor, o emissor da interrogação indireta. Inicia-se, então, um suposto diálogo com a introdução de um receptor. O caráter hipotético fica por conta da presença do modalizador, o advérbio de dúvida "talvez", e do modo subjuntivo.

Num tal diálogo, verifica-se que ao interlocutor - papel ocupado momentaneamente pelo leitor - parece caber a preocupação racional, o questionamento do contraditório; não ao eu-lírico cuja preocupação não ultrapassa os limites do "sentir".

Por outro lado, além da manifestação explícita de um receptor externo (o leitor), pode-se aí perceber a presença de uma consciência reflexiva que exprime a necessidade de um diálogo interior. A ordem em que aparecem os dois constituintes da interrogação: a subordinada ("quare id faciam") antes e depois a subordinante ("fortasse requisis") parece confirmar isso.

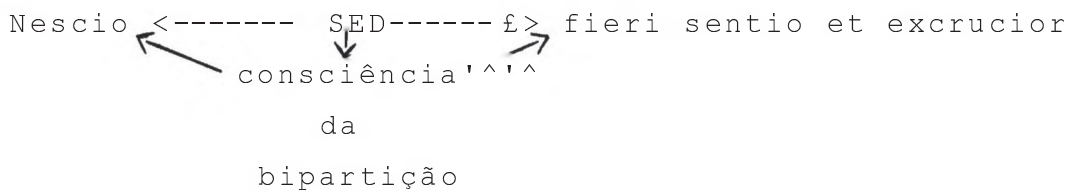
Desta forma, a presença da primeira e da segunda pessoas do singular, dadas pela flexão dos verbos, configura um relacionamento inter-subjetivo em que a primeira pessoa cabe a função de emissor e a segunda, a de receptor. Pode-se pensar numa espécie de bipartição do eu-lírico em eu e tu para a tarefa de examinar racionalmente os sentimentos focalizados.

Como o signo tu está fortemente comprometido com a idéia de uma segunda pessoa, e queremos neste ponto insistir numa divisão interior do eu-lírico, achamos conveniente retomar este processo de outro modo: trata-se, então, a nosso ver, de uma bipartição em eu e eu, o que corresponde ao surgimento de uma dualidade semântica: racionalidade e sentimentalidade. Enquanto ao eu (eixo da razão) preocupa questionar para compreender o sentimento antitético, apenas sentir basta ao eu (eixo da sentimentalidade).

Na seqüência do diálogo, a resposta racional é abrupta e ambígua, pois embora demonstre conhecimento, não é mais que a consciência da incapacidade de compreender e explicar o fato. "Nescio", formado pelo morfema prefixal "ne" e pelo verbo "scire" ("conhecer"), na primeira pessoa, constitui a participação do eu-ração nesse diálogo.

Introduzida pela conjunção adversativa "sed", a oração "fieri sentio" exprime através do não-pessoal ("fieri") o acontecimento como sendo autônomo, independente do eu-lírico, ou da sua vertente a que chamamos mim-sentimento. Com isso transfere-se a responsabilidade do sentimento a um agente indeterminado, transformando o eu-lírico em espaço onde se dá o estranho fenômeno do amor-ódio simultâneo.

A oposição entre razão e sentimento não se restringe aos lexemas verbais, ela se expressa também pelo conectivo "sed", que ao localizar-se entre "nescio" e "sentio", nos remete ao emissor, isto é, ao sujeito da enunciação, cuja unidade é dada racionalmente pela consciência da bipartição, como se pode visualizar no esquema.



A expressão "fieri sentio", em que a oposição não-pessoal / pessoal se manifesta por contigüidade, se comparada a primeira pessoa em

"odi", "amo" e "faciam", demonstra uma pertinente mudança de perspectiva na visão do sentimento descrito. A princípio, o emissor se responsabiliza através da primeira pessoa como sujeito do fato, mas agora a sua posição passa ser de algo passivo que sofre as conseqüências de um acontecimento que independe de sua vontade. Deixa, então, de ser agente da ação (odiar-amar) e passa à circunstancial função de lugar-onde.

Essa conseqüência é dada ainda por dois elementos. Primeiro pela conjunção aditiva "et" que, aqui, apresenta uma função nitidamente consecutiva. Função confirmada inclusive pelo lexema seguinte, que, com um sabor de síntese, fecha o poema impedindo qualquer possibilidade de prolongamento ou de contemporização. E, segundo, pelo verbo escolhido: "excrucior", cuja etimologia exprime todo o seu valor: é originário de "crux" e composto foneticamente por elementos que lhe confirmam certa carga semântica de "dureza" (4).

Deste modo, "excrucior" funciona como efeito sentimental inevitável da tensão dramática dialéticamente exposta. Visualizando termos:



Os verbos atualizados no poema podem ser agrupados semanticamente em função dos eixos apontados. Vejam-se os esquemas:

<u>Sentimental idade</u>	<u>Racional idade</u>
odi - amo	requiris
faciam - fieri	nescio
sentio - excrucior	

Considerando a personalidade verbal como eixo, os verbos podem ser assim divididos:

<u>Pessoalidade</u>	<u>não-pessoal</u>	<u>Pessoalidade</u>
(1a.p.)	(3a.p.)	(2a.p.)
odi - amo	fieri	requiris
faciam		
sentio-excrucior		
nescio		

Comparando os dois esquemas, é fácil notar a presença quase unânime dos elementos verbais da primeira pessoa ligados ao eixo da sentimentalidade; à exceção apenas de "fieri" e "nescio". Enquanto "nescio" foge a esta divisão, em virtude de se localizar no plano da consciência (eu-razão) que se manifesta no ato da alocação, o verbo "fieri" é da 3a. pessoa. Já o lexema verbal "requiris", segunda pessoa, pertence ao eixo da racionalidade.

Parece-nos significativo observar que a distribuição dos verbos no poema mostra uma passagem, no eixo da sentimentalidade, do sistema pessoal para o não-pessoal (5). Ao serem assim objetivadas, as próprias vivências passam a independender do "querer" do sujeito. Daí a sua passividade.

IV. Síntese

A inexistência de substantivos e adjetivos caracteriza a supremacia absoluta da presença verbal neste poema. Um levantamento morfológico aponta a presença de oito verbos, três conjunções, dois advérbios e do pronome demonstrativo "id", anafórico que remete aos dois verbos básicos do primeiro verso.

Parece-nos interessante neste ponto relembrar as palavras de Gaston Bachelard: "Quando o filósofo vai procurar nos poetas lições de individualização do mundo, ele se convence logo de que o mundo não é da ordem do substantivo, mas sim da ordem do adjetivo" (6). Veja-se, portanto, que enquanto para Bachelard o poeta estrutura o mundo através das funções qualificativas, Catulo o apreende como processo que se configura através de funções predicativas, pelo menos na aparência.

Retomando alguns pontos já referidos nesta análise, talvez fosse possível captar o aspecto qualificativo, pelo menos nominal, que parece subsistir numa espécie de estrutura profunda do poema. Na sua construção de superfície é que se destaca a preponderância do verbo em prejuízo do nome, que não chega a aparecer.

Uma re-leitura atenciosa, entretanto, pode projetar ainda que vagamente, uma silhueta de substantivo. Se não vejamos: Os verbos "odiar" e "amar", sistematicamente transitivos, apresentam-se como que amputados dos complementos verbais, cuja presença especificaria a pessoa amada e/ou odiada. A significação disso, já vimos, é uma concen

tração sobre o próprio processo verbal. Posteriormente, vimos a substituição do sistema pessoal ("odi", "amo") pelo a-pessoal ("fieri sentio"), que liberta o emissor do papel de sujeito, conferindo-lhe o de paciente.

O processo verbal que já não apresentava objeto perde também o sujeito. Com isso, há uma espécie de abstratização do processo, e a passagem de processo a estado é um passo. Ou seja: os procedimentos de alijamento do objeto verbal e de crescente "despessoalização" procurando captar o processo enquanto pura essência significam, a nosso ver, o retorno do verbo ao seu estado originário de substantivo. A consequência desse movimento de transição do concreto ao abstrato não deixa de ser, portanto, uma transformação morfológica: o que a nível de superfície aparece como verbo (odeio e amo), corresponde, na estrutura profunda, a substantivo (ódio é amor). O efeito estilístico desse procedimento é significativo: a antítese inicial, re-escrita, pode afinal se converter num oxímoro: "ódio é amor".

V. Conclusão

A ação referencial que serve como matéria prima deste poema é expressa como força conjuntiva de dois planos de um procedimento dialético. O fenômeno depende do sujeito para que possa ocorrer e o sujeito, espaço sensível do fenômeno, não pode interferir no processo. Trata-se de uma condição solitária vivenciada pelo sujeito, condição esta, entretanto, que não dispensa a relação com um possível objeto. "Faciam" e "fieri", respectivamente primeira e terceira pessoas, sugerem a válvula motriz, segunda pessoa, impulsionadora do processo.

O aparente desequilíbrio que ocorre a nível do referente fenomenológico dos sentimentos está no conflito entre a função consciente do homem em busca da compreensão daquilo sobre o que é impossível manter controle. Pode-se falar em desequilíbrio aparente porque, na verdade, se conjugadas as forças da psique, ao invés de dualidade, ter-se-ia unidade. O desequilíbrio, a dualidade antitética reside na esfera da racionalidade, na esfera mais superficial do homem. É neste ponto que a função poética da linguagem passa a exercer seu papel fundamental: consegue, através do espaço simbólico do poema, desfraldar a unidade através do oxímoro ("nescio: sed fieri sentio et excrucior"). A força sonora de excrucior contém a medida de toda a situação.

A perplexidade do sujeito perante o caráter antitético e paradoxal da vida humana se exprime poeticamente numa construção formal équilibrada. As contradições da vida se unificam no plano da arte: o poema expressa através de um discurso coerente e lógico esta dramática tensão existencial. (7)

Catulo consegue, desta forma, captar o ponto fulcral da existência humana e plasmá-lo de forma extraordinariamente concisa servindo-se da imagem poética.

NOTAS

- (1) Caius Valerius Catullus, poeta romano, nascido possivelmente em Verona, no ano de 667.
- (2) C. V. Catulle, Poésies, Paris, C. L. F. Panckouke, p. 182.
- (3) Compare-se com a tradução francesa, incluída na edição citada, de CH. Héguin de Guerle:
"J'aime et je hais en même temps. Comment cela se fait-il? direz vous peut-être. - Je l'ignore; mais je le sens, et c'est un supplice pour mon âme." '
- (4) /ekskrukior/ apresenta os fonemas /ks/, /kr /, /u/, /k/ e /r/ que lhe dão certa "dureza" fonética, interpretação que certamente homologa a idéia de "crucificação" presente no vocábulo. Visualize-se o sofrimento conseqüente do esfacelamento interior que ocorre como efeito do movimento simultâneo, horizontal e vertical, das quatro pontas da cruz.
- (5) Ver Benveniste, E. - Les Problèmes de linguistique générale, Paris, Gallimard, 1971. Para Benveniste a 3a. pessoa verbal não está enquadrada no que chama de sistema pessoal, restrito ao eu e ao eu ; enquadra-se, isto sim, no não-pessoal.
- (6) Bachelard, G. - La poétique de l'espace, Paris, Près. Univ. 1961.
- (7) Esta problemática é freqüente em sonetos tradicionais de Petrarca e Camões. Veja-se, a propósito, deste último, o poema "Amor é fogo que arde sem se ver."